



ESPAÇOS EM VIAGEM: *AS ESTAÇÕES DA VIDA*, DE AGUSTINA BESSA LUÍS

SPACES ON THE MOVE: *THE SEASONS OF LIFE*, BY AGUSTINA BESSA LUÍS

Dulce Melão*

Resumo: A obra *As estações da vida* assume caráter peculiar pelos desdobramentos multifacetados dos espaços que aí eclodem, bem como pelos percursos de deambulação que sugerem. Nessa tela versátil, traçam-se os seguintes objetivos: 1) demandar os modos como a materialidade dos espaços que reverberam no aparato peritextual respalda o manto plurissignificativo que luz na narrativa; 2) desvendar os contrastes e entrelaçamentos dos espaços interiores e exteriores desenhados na obra que compõem quotidianos vivificados pela memória; 3) lançar luz sobre a poesia dos afetos que descansa na ondulação dos parágrafos, reinscrevendo a vida. O exercício de exegese realizado toma como referencial teórico a redefinição das práticas do espaço explanada por Certeau (1998), os limiares peritextuais traçados por Genette (1982; 1987), bem como a perspectiva experiencial do espaço acolhida por Yi-Fu Tuan (TUAN, 2015). A obra analisada reveste-se de profunda atualidade, no que respeita à inscrição do espaço na memória e aos modos como se amplia no texto, no peritexto e nas telas da vida que os abrigam.

Palavras-chave: espaço; peritexto; memória; poesia.

Abstract: *The seasons of life* stands out as a peculiar work, due to the multifaceted spaces on the move that erupt there in, as well as the unusual paths they suggest. In this versatile canvas, the following objectives are outlined: (1) to investigate the ways in which the materiality of the spaces that reverberate in the peritextual apparatus support layers of meaning that light up the narrative; (2) to illustrate the contrasts and interweaving of the interior and exterior spaces that permeate everyday life vivified by memory; (3) to shed light on the poetry of affections that rests in the undulation of the paragraphs, rewriting life. The exegesis exercise carried out takes as theoretical background the redefinition of the practices of space explained by Certeau (1998), the peritextual thresholds outlined by Genette (1982; 1987), as well as the experiential perspective of space hosted by Yi-Fu Tuan (TUAN, 2015). *The seasons of life* (BESSA-LUÍS, 2002; 2019) bear profound actuality, regarding the inscription of space in memory and the ways in which it expands in the text, in the peritext and in the screens of life that house them.

Keywords: space; peritext; memory; poetry.

* Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, CI&DEI, Portugal.
E-mail: dulcemelao@esev.ipv.pt

INTRODUÇÃO

No excerto de uma das crônicas reunidas sob o auspicioso título **A bagagem do viajante** (SARAMAGO, 2018) repousa oscilante abrigo que possibilita encetar esta reflexão:

Sempre me inquietaram aqueles livros ou cadernos de viagem, escritos a par e passo, em que pontualmente se vão anotando os casos e incidentes de cada dia, desde o bom almoço mundanal à subtilíssima impressão estética. Acho que o memorialista faz batota (...) No meu modesto entendimento, não há nada melhor que caminhar e circular, abrir os olhos e deixar que as imagens nos atravessem como o sol faz à vidraça (SARAMAGO, 2018, p. 207).

Na travessia do sol pela vidraça, aventura-se o cintilar das imagens que a pupila generosamente acolhe na obra **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019). Agustina propõe aos leitores demoradas peculiaridades, propiciando uma degustação inusitada dos trilhos que ganham vidas nas estações a percorrer. Importa “caminhar e circular, abrir os olhos” (SARAMAGO, 2018, p. 207), no balancear das emoções que, paulatinamente, são matéria-prima de encantos.

No prefácio da cuidada edição dada a lume pela editora Relógio D’Água, António Barreto considera estarmos perante “(...) um livro estranho. Pelo género, pela dimensão, pela narrativa e pelo motivo” (BARRETO, 2019, p. 9). Mais adiante, desafia os leitores: “Este texto, esta pequena obra-prima, dá-nos todos os lados das coisas” (BARRETO, 2019, p. 13).¹

¹ Para uma leitura interartística extraordinariamente plurívoca e inusitada da obra literária em análise, mostrando outros “lados das coisas” e as representações multifacetadas que lhes podem estar inerentes, revise-se a exposição “Mais que palavras ditas” (MACHADO & COUTINHO, 2021).



Ao iniciar a obra, Agustina dá palco à plêiade de sensações que se plasmam no intuito traçado para a demanda a que se propôs:

Não vou tratar este assunto como já foi feito por pessoas competentes na azulejaria portuguesa. Neste caso os painéis das estações de caminhos-de-ferro, alguns de qualidade reconhecida como os da Estação de São Bento, no Porto. Eu prefiro reunir memórias de viagens de pequeno curso que, desde a infância, me transportaram dum lugar ao outro, neste matraquear das antigas carruagens com assentos forrados de bombazina e redinhas para a bagagem se o caso fosse de primeira classe (BESSA-LUÍS, 2019, p. 17).

Na voz de Agustina – imbuída do gosto pelo pormenor que lhe é reconhecido – eclodem espaços em viagem que os leitores são convidados a mapear ao longo das estações da vida, em múltiplos desvios e limiares, na reescrita de memórias. Destaca-se a preferência pelas deambulações proporcionadas por via do entrelaçamento dos espaços interiores e exteriores, assumindo o comboio papel central. O “matraquear” das carruagens augura a atenção dada à escuta dos quotidianos a percorrer, detalhar e desdobrar na narrativa.

A mobilidade que se expande no parágrafo que constitui o prelúdio do périplo anunciado reforça a importância dos itinerários a descobrir, bem como a complexidade que lhes pode estar inerente, desvelando o cariz promissor de tal desiderato.

A paixão pela viagem tem antecedentes de relevo na obra de Agustina. Facultam-se dois deles, a título de exemplo. Em **Embaixada a Calígula** (BESSA-LUÍS, 1961), confessara aos leitores:

A viagem é a intimidade do importuno. Tudo o que não preferimos em quaisquer outras circunstâncias de fixação prolongada – uma paisagem, as criaturas, um acontecimento – é-nos oferecido para que o tomemos com esse amor espontâneo que não se pode evitar por que vive da surpresa em que se comprometeu (BESSA-LUÍS, 1961, p. 11).

Em diferente registo, **Breviário do Brasil** (BESSA-LUÍS, 1991) dá testemunho de uma viagem, organizada pelo Centro Nacional de Cultura, em 1989, que constitui ensejo para visitar cerca de vinte cidades e regiões daquele país. Numa prosa pausada, a autora deambula pelas cidades, detém-se em pormenores inusitados, e, a par e passo, viaja também pela literatura e pela História que une os dois países.



A obra que constitui o fulcro desta análise – **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019) – nutre-se de outros caminhos onde se respira profundo ensejo de, pausadamente, convocar o detalhe. Por via de itinerários permanentemente inacabados, é lançado um convite – audaz e inesperado – à incursão no espanto que tremeluz na viagem.

Face à tela brevemente exposta, traçam-se como objetivos desta reflexão: 1) atentar nos espaços em viagem que a obra convoca e interpela; 2) investigar os modos como a materialidade dos espaços que reverberam no aparato peritextual respalda o manto plurissignificativo que luz na narrativa; 3) indagar os contrastes e entrelaçamentos dos espaços interiores e exteriores desenhados na obra que compõem quotidianos vivificados pela memória; 4) desvendar a poesia dos afetos que descansa na ondulação dos parágrafos, reinscrevendo a vida.

De modo a dar cumprimento aos objetivos brevemente elencados, o exercício de exegese realizado toma como referencial teórico a redefinição das práticas do espaço explanada por Certeau (1998), os limiões peritextuais traçados por Genette (1982; 1987), bem como a perspectiva experiencial do espaço acolhida por Yi-Fu Tuan (TUAN, 2015).

Em primeiro lugar, a materialidade do espaço e os modos como exhibe trajetos para a educação do olhar é alvo de apreciação atenta. Em estreito entrelaçamento com a demanda referida, abordam-se, seguidamente, alguns dos espaços interiores e exteriores que se resguardam na obra selecionada, com o propósito de desvelar as peculiaridades e o manto de plurissignificação aí residente. Tomam-se, ainda, como tela reescrita na azulejaria das estações de caminho-de-ferro – revisitadas através do olhar perscrutador de Agustina – as representações das vidas dos protagonistas que lhe dão alento. Reunindo os espaços em viagem na viagem proposta, procura-se, paralelamente, refletir sobre a experiência da leitura daí resultante e os desafios que lhe estão inerentes.

Nas considerações finais, traçam-se rumos a partir dos périplos propostos e do modo reticular como se fixam no olhar dos leitores, renovando as estações da vida que cada um se propuser percorrer, na certeza – perene – do incerto. A reflexão realizada acolhe os espaços em viagem na multiplicidade ímpar de que se vestem, procurando, no resguardo das palavras, o redesenho de roteiros de luz que reverberam as memórias construídas onde o olhar pausa, pondo a descoberto que: “A língua portuguesa é a escada com que se chega às longas viagens da nossa identidade” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 99).



1. MATERIALIDADE DO ESPAÇO: PROMESSA DA VIAGEM

Selecionar, como alvo de cuidados, **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019), é aceitar o pleno desassombro que o livro perpetua e instiga. As modulações sensoriais que reverberam na narrativa, imprimem-se, mansamente, nos modos como o aparato peritextual se constrói, com tonalidades distintas, nas duas edições da obra.

O título instiga espacialidades que merecem destaque. As estações abrem-se a partidas e chegadas, aglutinam movimento e paragem, sendo permeadas por tempos que as refazem, infinitamente. Na aliança com a vida, celebra-se o caráter cíclico do perpétuo recomeço – qual vaga que vai acolhendo ventos e marés.

Atente-se, em primeiro lugar, na primeira edição da obra (BESSA-LUÍS, 2002), dada à estampa pela Quetzal Editores, considerando, respetivamente, o formato, a capa e a sinopse que constituem parte relevante do projeto editorial.

O pujante formato do livro possibilita um acolhimento eivado de bondades, na medida em que favorece florescimentos do olhar, ávido de dar resposta ao desafio lançado. A experiência da leitura solicitada permite o feliz augúrio da exploração dos caminhos propostos, na espera do manuseio dos espaços a percorrer.

A capa exhibe uma combinação prazerosa de painéis de azulejos de estações de caminho-de-ferro, convidando ao repouso.² O azul predomina, demandando céu e mar, em tom sereno; instala continuidades, revelando-se uma opção que configura a promessa em devir. O espaço exterior ganha vida(s), na aproximação das labutas delicadamente abrigadas nos azulejos que as revelam.

Na versátil sinopse, os leitores podem colher alentos:

Percorrendo a azulejaria de costumes, Agustina Bessa Luís constrói um texto feito todo ele de memórias, de conhecimento e poesia. Este é um álbum incontornável, com cerca de 100 fotografias de painéis de azulejo das estações de caminho-de-ferro e mercados dos finais do século XIX e inícios do século XX, que constituem a memória de Portugal (BESSA-LUÍS, 2002, s/p).

O relevo concedido às memórias, conhecimento e poesia entretecidos na “azulejaria de costumes” antecipa a fruição da obra, alimentando vigorosas expectativas, no que

² A réplica dos painéis, em formato reduzido, na contracapa, reitera a atenção concedida ao pormenor e acentua a relevância que detém.



respeita à leitura. Destaca-se a opção por um projeto editorial – o álbum – que explora os contrastes velados através da exposição da fotografia, amparada no rumor do texto, que ocupa lugar cativo na alvura da página, com o intuito de promover prazerosos deslocamentos do olhar que nela se detém.

A matéria do inusitado reabre o espaço exterior da segunda edição da obra (BESSA-LUÍS, 2019). O amoroso labor que lhe confere ânimo plasma-se no formato escolhido, favorecendo mobilidades que instigam viagens, bem como o convite à respetiva degustação.

Na capa, o título, na robustez das maiúsculas de tom rubro, acentua, com maior intensidade, o vasto périplo proposto aos leitores (em saborosa antecipação do que se propõe acolher). O fragmento de **Le train dans la neige** (1871), de Claude Monet, conglomera apelos de viagens, de chegadas e de partidas que podem reunir felizes ou inóspitos portos de abrigo. Mas é, sobretudo, visível, o sopro de poesia que cobre a tela, em tom feérico, que virá a desdobrar-se, ao longo da narrativa (em ampla deambulação do belo).

Na fina lombada do livro, acenam os faróis do comboio. A narrativa inicia-se. Os leitores, eternos passageiros, tomam lugar na carruagem selecionada e aceitam, porventura, o pacto proposto – alimento de sonhos, por intermédio da matéria-prima afagada, a reclamar serenidades e inquietações.

Como sublinha Peixoto (2022, p. 11-12), “Imaginamos o que vemos porque a realidade é imensa, bastante maior do que conseguimos ver e, por isso mesmo, quando vemos muito, até num miradouro, precisamos de imaginá-la.” No generoso labor do imaginar, se vão erguendo outros espaços em viagem cujas aberturas e fechamentos reclamam a tenacidade dos leitores, em desassossegos. Procura-se, seguidamente, aceitar o convite de conceder atenção ao modo como se plasmam na narrativa e nos limiares que oferece.

2. ESPAÇOS EM VIAGEM

A obra em análise propicia o desenho reiterado de espaços em viagem que reabrem modos de oferecer hospitalidade ao pormenor. O comboio destaca-se pela proeminência que exhibe, artéria basilar de memórias. Ao exigir pausa e movimento, dando corpo ao fértil imaginário coletivo em que se metamorfoseia, é, primeiramente, alvo de cuidado nesta secção. Seguem-se as gares e as estações onde o comboio se recolhe e a azulejaria brinda os passageiros com delícias de recordações de outrora. As mobilidades de que se nutrem tais



espaços são matéria de reparo, procurando-se que a abordagem do caráter plurívoco que detêm propicie o recomeço de outras viagens.

2.1. O comboio

No prefácio da segunda edição da obra, António Barreto refere: “O comboio é um mundo. O comboio é o mundo” (BARRETO, 2019, p. 12). O cinzelar da metamorfose do artigo indefinido em artigo definido implica a disseminação de veios semânticos espraiados na frase, indiciando alentos redobrados no que respeita a tal espaço, na obra em análise. O comboio, bem conhecido nos quotidianos de Agustina, surge, aliás, com reiterada relevância, em dois dos primeiros contos, datados de 1947, “Viagem em 2.ª” e “Catarina Era assim”, publicados, recentemente, na obra *Primeiros contos e outros contos* (BESSA-LUÍS, 2020). Em ambos adquire destaque na arquitetura espacial. No primeiro conto, a narrativa toma como fio condutor de ações e de pensamentos a viagem realizada; no segundo, a viagem de comboio surge como tecido matizado de deslumbres das estações da vida da protagonista, Catarina.

Na obra **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019), a centralidade que o comboio assume é sublinhada, múltiplas vezes, carecendo de atenção pelas nuances peculiares que adquire. São acentuados, entre outros aspetos:

- O caráter profético que lhe pode estar associado – potenciador de amplas dobras da imaginação – oscilando no movimento de reciprocidade de abertura a novos mundos a reescrever: “O comboio sempre me pareceu ter qualquer coisa de profético. Abria-se a portinhola de uma carruagem e imediatamente se abria na imaginação um processo romanesco (...) era o prelúdio duma viagem que podia ser o primeiro capítulo duma história” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 18).³
- O enraizamento do comboio na terra-mãe – o Douro – com profundos vínculos nos quotidianos da memória e possíveis reencontros potenciados pelo inédito: “O

³ Como refere Manguel (2015, p. 49), “Inventamos histórias para dar forma às nossas perguntas, lemos ou ouvimos histórias para perceber o que queremos saber. Nos dois lados da folha, somos levados pelo mesmo impulso questionador, pelas perguntas de quem fez o quê, e porquê, e como, para que possamos, por uma vez, perguntar a nós próprios o que é que fazemos, e como e porquê, e o que acontece quando se faz ou não se faz alguma coisa.”



comboio sempre esteve na minha gente do Douro como um destino, um modo de vida e um pretexto de aventura” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 19);

- A profunda relação do comboio com os meandros e as travessias da vida: “O comboio tem ainda um fascínio tranquilo, presta-se a parecer que a vida tem um prefácio, antes de ter um capítulo que a explique, ou, pelo menos, sugira” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 27);
- O cariz potenciador do desvelar das paixões humanas que o comboio detém, favorecendo uma vibrante explosão de sentidos: “O comboio, desde o seu início, foi um pretexto para o melodrama que se continua de geração para geração (...) Procura-se uma excitação sensorial que o mundo familiar ou vizinho não pode oferecer” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 33);
- O carácter multifacetado que lhe está inerente, ao poder propiciar a evasão e o lazer associados ao deleite dos périplos a realizar: “Porquê o comboio? Porque ele sugere viagem, fuga, fadiga sob um ângulo de distração e esquecimento” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 34);
- A constelação de afetos associada às relações humanas, por diferentes vias. Por um lado, “Acenava-se das janelas com toalhas e quem ia no comboio surpreendia aquelas asas brancas a dizer adeus. Dizer adeus era um ritual de festa com lágrimas. Tinha-se o sentimento da separação, da perda dolorosa” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 19). Por outro, a recordação robusta, por via familiar, de quem narra: “Meu avô considerou-se durante toda a vida um *cheminot*, solitário, crítico, formado na dura estrada dos *rails*, habituado a não ter fronteiras, só linhas férreas...” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 19; itálico da autora).

Do exposto se pode inferir, como sublinha Onfray (2019, p. 17), que “A arte da viagem exorta a uma ética lúdica, a uma declaração de guerra ao controlo e à cronometragem da existência”. O que se propõe são demoras que potenciem a reflexão dos leitores, em deleite e inquietação permanentes. Seguindo a linha de pensamento do autor previamente citado, “Afeto, entusiasmo, espanto, interrogação, surpresa, alegria e estupefação, tudo se mistura no exercício do belo e do sublime, da mudança e da diferença” (ONFRAY, 2019, p. 51). Mobilidades que potenciam saborosos exercícios de imaginação que o comboio pode favorecer.

Na visão do sucedido nas carruagens, ameno e provocador relato nas minúcias que o detalham, ganha ânimo a paisagem humana, prazerosamente desvendada. A pletora de



sensações que os leitores reencontram, nasce em múltiplos passeios do olhar. Facultam-se, em seguida, alguns exemplos que o comprovam.

Nas carruagens de primeira classe, o exercício de atenção plasmado no tecido textual convoca a apreciação de sensações visuais e olfativas, desdobradas na degustação dos estofos cor de mel e redes grossas que amparavam “os meninos já grandotes, para não pagar bilhete” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 21) e na disseminação do “perfume de mulheres bonitas” (*idem; ibidem*).

Nas carruagens de segunda classe, o caudal de sensações auditivas é tratado de escutas na página:

Faziam-se amizades, trocavam-se merendas, conselhos, as mães diziam coisas dos filhos e como os criavam (...) A alma sensata viajava em segunda classe, era opinosa e moderada; escandalizava-se facilmente, tinha pena das mulheres perdidas e culpava os ricos do luxo e dos maus exemplos (BESSA-LUÍS, 2019, p. 22)⁴.

Não escapa, ao olhar de Agustina, em moderada ironia, o rumorejar da “alma sensata” descrita em tom de generalização aparente, mas reveladora da atenção ao pormenor, traço perene da prosa que dá a lume.

A trepidez auditiva antes sublinhada ganha palco maior nas carruagens de terceira classe que se erguem na página, sendo narrados momentos de festa, larachas, plasmados no quotidiano: “(...) derramava-se vinho, ouvia-se o piar dos frangos nas cestas de vime vermelho (...) Nos açafates forrados com uma toalha de linho, estava o requeijão e as primeiras cerejas em rocas de pau verde” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 23).

Como frisa Yi-Fu Tuan,

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele e a audição não podem, individualmente, (nem sequer talvez juntos) tornar-nos cientes de um mundo exterior habitado por objetos. No entanto, em combinação com as faculdades “especializantes” da visão e do tato, esses sentidos essencialmente não distanciadores enriquecem muito a nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo (TUAN, 2015, s/p).

⁴ Recorde-se que no conto “Viagem em 2.ª” (BESSA-LUÍS, 2020), o comboio da noite desvela outros pormenores: “Havia cadeirões forrados de lã bege com risquinhas vermelhas, havia luzes sobre cada lugar da janela, e aquecimentos e metais que brilhavam, um pouco fanados, por toda a parte” (BESSA-LUÍS, 2020, p. 63).



Independentemente da carruagem alvo de cuidados, os leitores experienciam peculiaridades que lhes possibilitam fruir, em pleno, a plêiade de sensações que quase ofusca as páginas onde se dissemina. Nesse sentido, é criada uma proximidade cúmplice que abre caminhos propícios ao desabrochar de outras histórias pois, como sublinha Manguel (2022, p. 103) “Somos uma espécie narrativa. Unimos as peças da nossa experiência fragmentada do mundo sob a forma de histórias que tentam dar coerência às páginas dispersas que esse mundo nos lança no caminho.”

O comboio metamorfoseia-se em espaço híbrido que acolhe outros espaços ampliados a partir da recordação de experiências vividas, conferindo paladar ameno e vivo à viagem, traduzida em palavras, no entendimento de que “A escrita é para quem deseja produzir memória e ser cuidadoso da sua eternidade” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 99).

2.1. As gares e as estações

Em cada gare ou estação onde os leitores embarcam e se apeiam circulam representações de vidas, por meio dos painéis de azulejaria que aí se abrigam. Em função do projeto editorial convocado, as duas edições da obra propõem exercícios distintos, plenos em indagações que vão ganhando alento nos rumores que o relato guarda.

A exegese do detalhe é laboriosamente realizada neste périplo de viagens, de modo poético. O convite à degustação da poesia entre o narrado e o modo como os leitores percecionam o ritmo ditado pelas frases (isoladamente e no seu conjunto) surge através da ênfase concedida a espaços diversificados como a Gare de S. Bento (Porto), a Gare do Oriente (Lisboa) e estações de caminho-de-ferro de menor dimensão, onde luzem os azulejos que suspendem o olhar dos leitores. Como sublinha Manguel (2020, p. 31):

A imagem de uma obra de arte existe algures entre percepções: entre aquela que o pintor imaginou e aquela que o pintor colocou na tela; entre aquela que podemos nomear e aquela que os contemporâneos do pintor puderam nomear; entre aquilo que recordamos e aquilo que aprendemos; entre o vocabulário comum adquirido de um mundo social e um vocabulário mais profundo de símbolos ancestrais e provados.

Repare-se nos rumos traçados por intermédio da “inquietação preposicional”: “entre” instala tempos desmedidos que abrem espaços de alteridade. Consentem-se oscilações nas margens escutadas e augura-se a beleza infinita do intraduzível. Tal reveste-se de particular



pertinência nos distintos modos como os leitores podem aceder à Gare de S. Bento, nas duas edições da obra. Na primeira edição, o painel de azulejos – assinado pelo pintor Jorge Colaço (1868-1942) – ganha descanso no olhar, onde irrompe nos veios de azul, bem distintos no alvor da página que lhe imprime particular encanto; na segunda edição, os azulejos “(...) dum azul de Delft verdadeiramente luminoso e profundo” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 23), face à ausência da fotografia, assumem maior destaque por via única da memória que os recupera:

É ainda o tema do rio Douro, o barco que espera ser carregado de pipas, o barco ainda na margem, estando de pé a barqueira com a mão em pala sobre os olhos e já sentadas as passageiras, as feirantes, com arrecadas de ouro e o companheiro de todos os climas, o guarda-chuva de algodão preto. São quadros duma genial composição que referem os trabalhos populares, os moleiros, as mulheres que vão buscar água ao chafariz, os namoros, o descanso na vida que tem os seus lazes entre dois passos na história do trabalho (BESSA-LUÍS, 2019, p. 23).

No excerto selecionado, a grandiosidade do espaço adquire o sublime do inacabado. Os instantes que medeiam entre os movimentos descritos, o pormenor do tecido humano de que se nutrem as cores do retrato traçado e o amor pelo saborear do quotidiano, árduo e feliz, situam-se entre ficções e realidades habilmente costuradas. A poesia que contam é eterna.

A Gare do Oriente constitui ensejo para uma reflexão acutilante sobre o exercício de escuta da cidade, antecedendo o comentário à azulejaria. No entendimento de Agustina, foram amplos os propósitos inerentes à construção da Gare:

É uma coisa duma beleza mecânica e também sensual, a Gare do Oriente, com as pessoas vestidas de escuro e que se movem aparentemente sem exigências do presente e do futuro. A barreira dos prédios corta a visão do rio duma maneira invulgarmente sádica. Porque se proíbe a vista magnífica que dali se podia descortinar? Trata-se de uma tendência de defesa, como muitas que servem para significar uma hipocondria incurável dos portugueses: o ciúme de qualquer forma de beleza (BESSA-LUÍS, 2019, p. 40-41).

A agudez da crítica realizada, patente no entrelaçamento da realidade com a impossibilidade de fruição do belo, ganha tonalidades distintas quando os leitores são brindados com modos de vidas plasmados na azulejaria da Estação de S. Mamede de Infesta:



Já os azulejos de São Mamede de vista se socorrem da vista da cidade e dos lugres de pesca de mastros que parecem *As Lanças*, de Velázquez. Há também a cena de praia da Aguda, colhida em tempos mais recentes por um pintor de marinhas. Ia-se para a Aguda, como se ia para Lavadores ou a Praia dos Ingleses na Foz: com pudicos vestidos e meias calçadas; e um prazer conversado enquanto se jogava o prego e a roleta dos barquinhos. Era uma santa vida (BESSA-LUÍS, 2019, pp. 30-31; itálico da autora).

O olhar penetrante de quem escuta as memórias de outrora seduz os leitores. Espaço citadino, lugres de pesca de mastros e praia da Aguda tomam lugar cativo na imaginação e desdobram curiosidades. O “prazer conversado” reverbera infâncias de luz, retemperadas pela maresia; o caráter ameno das memórias espera afetividades tecidas em outros espaços e potencia alegrias. A recordação dos azulejos da estação de Marvão também as resguarda. Desta feita, o quadro oferecido ao olhar devolve a Agustina

(...) as primeiras lembranças da beira-mar: uma junta de bois puxa para terra um barco de pesca. E eu lembro-me imediatamente de ser uma banhista de três ou quatro anos e ver na praia de Espinho uma cena igual. Só que eram as redes cheias de sardinha que os bois arrastavam para a praia (BESSA-LUÍS, 2019, p. 38).

Bollnow (2019) frisa existir uma estreita dependência entre o tamanho do espaço e a atividade humana; tal sucede na tela desenhada, ampliando o mar que refulge na lembrança, “Porque as memórias procriam como se fossem pessoas vivas” (BESSA-LUÍS, 2004, p. 13). No álbum publicado em 2002, os leitores podem usufruir, de imediato, através da fotografia que acompanha o texto, da amabilidade do azul, cor que “(...) expande o espaço em redor” (Bollnow, 2019, p. 249). Mas, na ausência da fotografia, a presença do mar adquire estatuto de plenitude mansa.

Nos azulejos, as representações da vida reinstalam, pois, distintos espaços no espaço das páginas, desaguando na promessa do invulgar. Como sublinha Agustina, a azulejaria das estações de caminho-de-ferro portuguesas merece uma observação profunda:

Nem todos têm o nível que se deseja encontrar, mas revelam o que há de predominante na paisagem portuguesa, a água sobretudo. Os rios, com as lavadeiras e os barcos pesqueiros ou de recovagem, os esteiros, as lagoas, os caudais onde as mulheres batem a roupa e os salgueiros se debruçam, falam de costumes rotineiros que fazem a alma portuguesa mais constante e como que adormecida (BESSA-LUÍS, 2019, p. 36).



Em **O peso da sombra** (ANDRADE, 2021), Eugénio de Andrade recorda aos leitores: “Fazer duma palavra um barco/é todo o meu trabalho” (ANDRADE, 2021, p. 303). Lançada no relato de memórias tecidas no inesperado, a palavra que Agustina (cin)zela neste imenso excerto é barco balançando ao sabor da serena vivacidade que agasalha. No transbordar do azul – algures – os azulejos brotam rios, abrigam praias, refulgem caudais e desdobram vidas. Por intermédio do labor da escrita, celebram-se inquietudes e sonhos, enquanto a água nomeada revela espaços que embalam doces amenidades.

No entender de Agustina, os azulejos dos caminhos-de-ferro “(...) representam uma ligação ingénua com os costumes e os lugares; são uma espécie de poesia pobre, mas que confere ao coração um dedo de prosa” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 41). No belo redesenho da vida, o sobressalto do inesperado recupera a matriz identitária que ganha fôlego na memória.

De acordo com Manguel (2020, p. 11), “(...) somos essencialmente criaturas de imagens, de representações.” O “material mnésico” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 26) que Agustina considera fundamental à criação do espólio robusto de recordações que poderá potenciar a reflexão dos passageiros, constitui-se em espaço de desdobramentos de outros espaços, mas, também, cria tempos só possíveis pelo que vemos quando lemos imagens.⁵ Neste sentido, reitera Manguel (2020, p. 29), “Estendemos o que é limitado por uma moldura a um antes e um depois, e através da arte de contar histórias (de amor como de ódio), concedemos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável.”

Nas viagens que a obra em análise desvela, é firme o carácter inacabado que exibem. Nesse sentido, ganham profunda pertinência as palavras de Certeau (1998), no que respeita ao recomeço:

A história recomeça, febril, envolvendo com suas ondas a armadura parada do vagão: o visitante distingue o barulho das fendas das rodas, o carregador leva as bagagens, os controladores andam de lá para cá. Bonés e uniformes restauram na multidão a rede de uma ordem profissional, enquanto a onda dos viajantes-sonhadores se lança na rede composta de rostos maravilhosamente expectativos ou preventivamente justiceiros. Vozes que chamam. Alegrias. No mundo móvel da estação, a máquina (CERTEAU, 1998, p. 196).

⁵ Vejam-se, a este propósito, os argumentos traçados por Mendelsund (2015).



Nos mundos que as estações da vida dão a acolher, o traço da esperança libertadora que a reflexão possibilita garante um exercício de cidadania inquieto. O recomeço é ensejo multiplicador de outras viagens, possibilitando reconhecer que desembarcar no inaudito é ventura reservada aos perenemente incautos, face à sede da promessa de cada novo périplo. Como recorda Torga (2014, p. 236), em distinta e feliz ocasião, “o que importa é partir, não é chegar”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – PARTIDAS E CHEGADAS

Partidas... Chegadas.

A missão de quem lembra, narrando-se, é recordada na obra que Ondjaki dedica ao “deslembramento”, por via das vozes e dos silêncios de uma criança. **O livro do deslembramento** (ONDJAKI, 2020) desvela que “se calhar nada é tão de verdade; acontece, só. Mais: lembramos o que podemos lembrar, o que inventámos de lembrar, ou o que lembramos para poder saber viver?” (ONDJAKI, 2020, p. 209).

Em veio entrecruzado de pensamento, Fux (2014), no conto “As coisas de que não me lembro, sou”, dá testemunho de tempos e de espaços vivificados por limiares que se alimentam de tudo o que cada um se vai tornando, em função de não se lembrar. A ausência identificada rememora presenças.

Ondjaki (2020) e Fux (2014) sugerem múltiplos trilhos que possibilitam, concomitantemente, partir e chegar, no alento das estações de memórias. O inesperado que oferecem aos leitores reluz, com intensidade, nas “memórias de viagens de pequeno curso” (BESSA-LUÍS, 2019, p. 17) tomadas como matéria-prima nos mapeamentos traçados nesta reflexão.

No breve percurso realizado, **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019) iluminaram memórias – ora amenamente, ora nos limiares do inacabado. Na generosa porosidade que oferece, este livro – “simplesmente extraordinário” (BARRETO, 2019, p. 9) – é profundamente atual, graças à indelével reinscrição do espaço na memória e aos modos como se amplia no texto, no peritexto e nas telas da vida que lhe dão acolhimentos.

No cais de partidas e de chegadas, recorda-se, pela voz de Agustina (amado fio condutor que norteia este périplo):



Grande fortuna é não ter nuvens na voz. Dizemos pão, casa e até cascavel, e sabermos do que se trata e ficarmos interessados na mesma viagem das palavras. Aonde elas vão, nós vamos; onde param, paramos, como seguindo a estrela solar e aquecendo-nos aos seus raios (BESSA-LUÍS, 2008, p. 258).

As duas edições dadas a lume possibilitam experiências da leitura diversas, de acordo com o respetivo projeto editorial, sendo um presente que os leitores recebem quando (re)iniciam os itinerários propostos. A essa “viagem das palavras” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 259), permanentemente inaugural, associam memórias às viagens percorridas, reconhecendo-se na memória coletiva que evocam.

A arquitetura peritextual é inexcedível em preciosidades que guardam o olhar, brevemente apurado ao longo desta reflexão. As viagens encetadas nos limiares que o peritexto ora augura, ora luz (de modo agudo ou ténue) possibilitam exhibir outras fraturas que reabrem perceções do mesmo. O peritexto é, pois, casa, na condição de limiar, onde se estende indefinidamente: “Há casas/cuja beleza começa no projecto;/outras, e são talvez as mais belas,/ existem só na cabeça do arquitecto” (ANDRADE, 2021, p. 276).

No traçado dos espaços que se erguem na narrativa, tendo como fulcro central os trilhos ditados pelo comboio e respetiva envolvência, os leitores recebem o deleite que a poesia imbuída nos espaços em viagem devolve ao olhar. A descrição dos azulejos acrescenta luminosidade aos quotidianos de labuta de homens e mulheres que fazem parte do mosaico humano que reconstrói um país eivado de riquezas.

Oficina de tempos, de pintura, de poesia e de escrita, **As estações da vida** (BESSA-LUÍS, 2002; 2019) oferecem uma reflexão fundamental sobre a minúcia acomodada nos passos que predizem outras viagens quando se privilegia a demora. Tratado de escutas, monumento vivo da História de Portugal e amplo sustento de múltiplas histórias, guardam desalentos e paixões, desenhando itinerários imbuídos de poesia, no rumor perpetuado nos limiares em que se espraiam.

Na experiência da leitura fruída, esplende-se a voz de Agustina e a gratidão de quem sobre ela reflete. Nas dobras da língua, pousa ameno torpor.

No ínfimo do indizível, sílabas, canto – mansa poesia.

Chegadas... Partidas.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Eugénio. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2021.
- BARRETO, António. Prefácio. In A. Bessa-Luís *As estações da vida*, 3.^a edição, pp. 7-14. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Embaixada a Calígula*. Lisboa: Guimarães Editores, 1961.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Breviário do Brasil*. Lisboa: Guimarães Editores, 1991.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *As estações da vida*. Lisboa: Quetzal, 2002.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Antes do degelo*. Lisboa: Guimarães Editores, 2004.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Dicionário imperfeito*. Lisboa: Guimarães Editores, 2008.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *As estações da vida*, 3.^a edição. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Primeiros contos e outros contos*, 2.^a edição. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2020.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do quotidiano*, 3.^a edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FUX, Jacques. As coisas de que não me lembro, sou. *Revista Brasileira*, 81, 169-177, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.
- MACHADO, G.; COUTINHO, A. P. (ed.). *Mais que palavras ditas*. Porto: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, 2021.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da curiosidade*. Lisboa: Tinta-da-China, 2015.
- MANGUEL, Alberto. *Ler imagens*. Lisboa: Edições 70, 2020.
- MANGUEL, Alberto. *Guia de um perplexo em Portugal*. Lisboa: Tinta-da-China, 2022.
- MENDELSUND, Peter. *O que vemos quando lemos*. Lisboa: Elsinore, 2015.
- ONDJAKI. *O livro do deslembamento*. Alfragide: Caminho, 2020.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem*. Lisboa: Quetzal, 2019.
- PEIXOTO, José Luís. *Onde*. Lisboa: Quetzal, 2022.
- SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. Porto: Porto Editora, 2018.
- TORGA, Miguel. *Antologia poética*, 7.^a edição. Lisboa: D. Quixote, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspetiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2015.



Recebido: 05/01/2023

Aprovado: 10/02/2023

